



e-ISSN: 2447-8180

DOI: 10.19180/2447-8180.v4n12020p127-136

Submetido em: 12 mar. 2020

Aceito em: 7 maio 2020

Aula de campo: Uma ferramenta didática para ensinar sobre o Meio Ambiente

Outdoor class: A didactic tool to leaning about environment

Ruan Virginio Barreto Valentim

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, Campos dos Goytacazes, RJ – Brasil. E-mail: ruanbarreto793@gmail.com

Déborah Karen Batista Freitas

Graduanda em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, Campos dos Goytacazes, RJ. Ex-bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) atuando no projeto durante dois anos e realizando atividades no Colégio Estadual Dom Otaviano de Albuquerque, Campos dos Goytacazes, RJ – Brasil. E-mail: deborahkaren0497@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo explicitar o uso da aula em campo como ferramenta pedagógica para o ensino de Geografia, considerando as diferentes percepções que esta permite para a discussão sobre o complexo conceito de Meio Ambiente e a relação homem-natureza com alunos do sexto ano pertencentes à rede estadual do Rio de Janeiro, a partir das experiências proporcionadas pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), fornecido pelo Instituto Federal Fluminense (IFF).

Palavras-chave: Meio Ambiente. Aula de Campo. Ensino de Geografia.

Abstract

This article aims to explain the use of outdoor classes as a pedagogical tool for teaching geography, considering the different perceptions that this allows for a discussion about the complex concept of environment and the relationship between man and nature with students from 5th grade, belonging to the state network of Rio de Janeiro, based on the experiences provided by the Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships, provided by the Federal Fluminense Institute.

Keywords: Environment. Outdoor Class. Teaching Geography

1. Introdução

Um dos temas transversais que carrega um longo e complexo debate sobre a sua natureza é o conceito de Meio Ambiente, o qual, apropriado por diversas linhas de ação política, dada a sua complexidade, é passível de ser analisado sob um amplo debate interdisciplinar.

O Currículo Mínimo do Estado do Rio de Janeiro e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) propõem em seus programas que os professores de ensino fundamental abordem esse tema para os recém-chegados ao terceiro ciclo no sexto ano do ensino fundamental.

Todavia, para aqueles que trabalham na sala de aula, construir um conhecimento significativo sobre tal conceito com alunos do sexto ano do ensino fundamental não é uma tarefa fácil. Por isso, os docentes que atuam com essas séries lançam mão dos mais diversos instrumentos didáticos para tornar o processo de ensino-aprendizagem mais significativo e interessante para os alunos, evitando desta forma cair num modelo de aula desinteressante e maçante, que não é construtivo para o entendimento dos alunos.

Dentre os diversos instrumentos existentes podemos citar o debate sobre algum filme ou série, a análise de matérias jornalísticas e análises de músicas e poesias, entre outros. Uma metodologia que possibilita abordar tal assunto permitindo uma imersão no tema partindo da realidade que cerca o cotidiano do aluno é a aula de campo.

Uma aula de campo bem ministrada, principalmente nas redondezas do local de convivência do aluno, permite o desenvolvimento de um olhar mais apurado sobre a realidade que o rodeia assim como cria uma forma mais íntima de compreensão de conceitos e temas que, vistos à distância, podem parecer confusos, tal como é o conceito de Meio Ambiente.

Embasados em diversos outros autores, Cordeiro e Oliveira (2011) trazem uma análise sobre a importância da aula de campo. Segundo os autores: “Essa metodologia para o ensino de Geografia contribui para uma melhor compreensão dos conteúdos ao relacionar a teoria proposta em sala de aula com os estudos e análises das paisagens do ambiente observado [...]”

Também é muito importante ressaltar que com a aula de campo o professor pode simultaneamente aproximar os alunos do assunto em questão e mostrar-lhes que determinados assuntos podem ser debatidos mediante a utilização de realidades bem próximas àquelas em que eles vivem.

Foi partindo dessa segunda premissa que o grupo de bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) realizou uma aula de campo com os alunos do sexto ano do Colégio Estadual Dom Otaviano de Albuquerque a partir das atividades do PIBID de Geografia que atuava na escola.

Este artigo nasce então da necessidade de se enriquecer o debate, lançando mão de experiências reais sobre o que pode ser utilizado para criar um envolvimento maior do aluno no processo de ensino-aprendizagem, principalmente quando abordamos o assunto Meio Ambiente e sua relação direta com a sociedade.

Para isso utilizou-se a experiência dos autores oriunda de uma aula de campo ministrada aos alunos do sexto ano no Colégio Estadual Dom Otaviano de Albuquerque, localizado no bairro de Ururá no município de Campos dos Goytacazes.

O artigo nos apresenta uma análise sobre quão complexo o conceito de Meio Ambiente pode se apresentar, qual a importância de uma aula de campo e como esta pode facilitar a construção de um entendimento sobre o que é o Meio Ambiente e como a sociedade o constrói e o destrói simultaneamente. O artigo termina apresentando os resultados obtidos com os alunos da escola, além de um breve debate do que pode ser aprimorado para as próximas ministrações.

A experiência aqui registrada ocorreu no CEDOA (Colégio Estadual Dom Otaviano de Albuquerque), que fica localizado no bairro Ururá na cidade de Campos dos Goytacazes, norte do Rio de Janeiro.

Os entornos da escola permitem uma boa experiência para o debate sobre o Meio Ambiente; não muito distante da escola, por exemplo, está localizado o rio Ururá, que corta o bairro e conecta duas grandes lagoas da cidade, além de possuir sua margem ocupada por uma pequena população ribeirinha, de fato apenas os moradores mais humildes do bairro.

Nesse ambiente e nos arredores de outras localidades do bairro marcados por canais improvisados, terrenos baldios e tentativas de moradores de manter o ambiente preservado é que nossa aula de campo foi realizada.

2. Meio Ambiente: Debates atuais e desafios para o entendimento

Os mais renomados estudiosos compreendem a riqueza existente dentro do conjunto de ideias e pressupostos que convencionamos chamar de Meio Ambiente. Milton Santos (1995), por exemplo, ao debater sobre a questão do Meio Ambiente afirma que para que possamos compreendê-lo devemos ir além dos imobilismos possibilistas e buscar a interdisciplinaridade para compreender o objeto de estudo.

O autor ainda diz que, ao trabalharmos sobre esse tema (e sobre outros de igual complexidade), devemos nos debruçar sobre a construção histórica que moldou o objeto de estudos aos parâmetros que observamos atualmente. Em suas palavras: “[...] Insistimos no fato de que o processo histórico muda a significação do objeto e a verdade necessária também muda [...]” (SANTOS, 1995). E também: “[...] O reconhecimento dessa evolução histórica é essencial. É sempre temerário trabalhar unicamente com o presente e somente a partir dele. Mais adequado é buscar compreender o processo formativo [...]” (SANTOS, 1995).

Diante desse apontamento devemos perceber que a construção do entendimento sobre o Meio Ambiente é bem mais profunda do que o que muitas vezes é visto em livros didáticos, nas mídias ou até nos discursos de grupos políticos interessados em defender o Meio Ambiente.

Contudo, o que observamos nesse debate atualmente? As mais variadas formas de entender, estudar e agir sobre o Meio Ambiente.

Como nos mostra Gonçalves (2006), grupos como os ecologistas ao debaterem sobre o Meio Ambiente preocupam-se com “[...] questões que vão desde a extinção de espécies como as baleias e os micos-leões, a explosão demográfica, a corrida armamentista, a urbanização desenfreada, [...] até as injunções do poder político que nos oprime e explora [...]” (GONÇALVES, 2006. p. 7).

Podemos perceber claramente que não existe um consenso sobre qual é a essência do Meio Ambiente e principalmente sobre quais os seus grandes dilemas. Biólogos podem afirmar que é um problema relativo à extinção de espécies; grupos políticos de oposição podem dizer que é relativo à má gerência dos recursos naturais por algum governo; uma aldeia de pescadores pode associar a questão ao assoreamento de um leito de rio; enfim as possibilidades são infinitas.

Nesse emaranhado de possibilidades se encontram a riqueza de um conceito e a dificuldade em abordá-lo, principalmente para as séries iniciais do terceiro ciclo do fundamental. Existe uma armadilha presente na construção do entendimento do tema que pode levar os professores para dois extremos diferenciados: a) o primeiro é a interpretação rasa do assunto, aquela que se aproxima muito do que veiculamos na mídia e que muito se assemelha com a militância a favor da natureza apenas; b) no segundo, o professor corre o risco de se aventurar pelo caminho mais difícil, o de mostrar aos alunos a complexidade do assunto, correndo também outros riscos, como por exemplo, o risco de tornar o conceito enfadonho e até incompreensível para os alunos em alguns casos.

Porém alguns aspectos do Meio Ambiente facilitam a construção de um debate construtivo com os alunos mesmo que jovens, o primeiro deles é o fato de que o “Meio Ambiente está presente em todo lado”, sendo associado por alguns autores como o próprio espaço geográfico. Assim até mesmo em espaços com pouca presença de “verde” é possível criar um debate sobre o Meio Ambiente, pautando discussões em diversos assuntos.

Nas palavras de Gonçalves supracitadas podemos notar a presença forte de aspectos políticos e sociais na militância em prol do Meio Ambiente. Isso aponta para um segundo fator no estudo deste; assim como deve ser levada em consideração sua construção histórica também devemos considerar a interferência da sociedade na construção do entendimento sobre Meio Ambiente.

O Meio Ambiente não pode ser estudado distante das dinâmicas da sociedade e nem fora das espacialidades criadas por esta em seu interior. Ajara aponta:

Reconhece-se, portanto, que a problemática ambiental é inseparável da problemática social, concebendo-se o Meio Ambiente como um sistema integral que engloba elementos físicos, bióticos e sociais. Assim sendo, a apreensão de uma dada questão ambiental dar-se-á apenas quando recuperadas as dinâmicas dos processos sociais e ecológicos, atribuindo igual ênfase à história da sociedade e da natureza, ou seja, à naturalização da cultura e à culturalização da natureza. (AJARA, 1993, p. 9).

Assim sendo, o Meio Ambiente não deve ser entendido apenas como um aglomerado de características naturais, uma vez que, como visto anteriormente, até nas características que associamos ao natural existe uma série de ideias produzidas socialmente.

Isso é por sua vez uma carta debaixo da manga a qual o professor pode utilizar para aproximar o aluno de uma compreensão das questões ambientais.

Tomemos por exemplo uma inundação, que pode ser considerada um dos grandes impactos ambientais urbanos do país. Em um evento como esse estão presentes diversos fatores que fazem parte do debate do Meio Ambiente. Partindo do mais óbvio, temos a influência da chuva na inundação, a proximidade ou não de um local, de um leito de rio ou de um espelho d'água qualquer.

Algumas deduções de imediato serão tiradas, mas, como foi dito, não se pode entender Meio Ambiente sem entender as dinâmicas da sociedade. A partir daí, reflexões mais complexas podem ser levantadas.

Por que tal grupo de pessoas vive próximo ao rio? Se eles não vivessem lá teriam suas casas inundadas com a mesma frequência? E os que não vivem como estão? O que será feito com a população afetada? Até que ponto os resíduos produzidos por tal população pode ter afetado essas dinâmicas? Novamente, as possibilidades se mostram infinitas.

O que queremos deixar claro é que o debate sobre a questão ambiental vai além das velhas comparações sobre uma paisagem que foi modificada de um lado e uma paisagem natural de outra, mas que o Meio Ambiente é rico de biodiversidade, de significado, de história e de relações sociais, sejam elas justas ou injustas.

3. A aula de campo como ferramenta pedagógica para o entendimento do conceito Meio- Ambiente

No processo de ensino-aprendizagem existem vários métodos de abordagem para a construção do conhecimento, porém é necessário entender que, quando se trata de Meio Ambiente, o objeto do conhecimento é vasto, podendo ser percebido e entendido a partir de diversos estímulos e dimensões. Para a prática pedagógica do professor isso é de extrema relevância, pois como se fazer

refletir acerca do ambiente real onde teoria e prática se encontram, confinado a uma sala de aula delimitada e estática, por vezes recorrendo apenas aos livros didáticos e mapas, artifícios que não são capazes de representar a realidade em sua totalidade.

Pode-se apontar a aula de campo como principal ferramenta para a percepção dos fenômenos, esse método rompe as barreiras do espaço sala de aula. Fora dele, o aluno pode assimilar com diferentes sentidos o conteúdo descrito pelo professor, partindo das experiências vividas para a obtenção do conhecimento.

A aula de campo consiste na retirada dos alunos para um ambiente externo à escola, relacionando a observação e a compreensão desse ambiente com o conteúdo proposto pelo professor. Então, tratar do conceito de Meio Ambiente e da relação homem-meio mediante a integração dos alunos aos espaços externos à escola faz com que eles percebam os problemas do meio em que vivem em tempo real e mostra o quanto são recorrentes à sua vivência. Ao longo das aulas de campo os alunos são imersos ao conteúdo, enxergando-o a sua volta. Segundo Fonseca e Caldeira:

Uma forma de realizar a apresentação de fenômenos naturais é utilizando, como recurso didático, aulas de campo em ambientes naturais principalmente aqueles que encontrados espacialmente próximos aos alunos por sua facilidade e pela possibilidade dos alunos possuírem experiência prévia com o ambiente objeto de estudo. (FONSECA; CALDEIRA, 2008, p. 71).

Muitas vezes, para se fazer entender, o professor precisa chamar a atenção do aluno. Como Moreira (2006) menciona, para que a teoria da aprendizagem significativa aconteça, é preciso que ocorram alguns fatores como disposição do aluno para aprender e subsunções relevantes. Ao sair da sala de aula o aluno adquire um estado de maior investigação, apresentando interesse no conteúdo.

4. Aula de campo: Do planejamento à realização

A aula de campo com os alunos do CEDOA foi ministrada no dia 24/10/2019 no entorno da escola, dentro do bairro Ururaí em Campos dos Goytacazes. Foram pensados três momentos para realização dessa ferramenta didática. Inicialmente foi feita uma reunião entre os bolsistas do PIBID e o professor do colégio para a definição do conteúdo abordado além do trajeto a ser percorrido pelos alunos, que foram às ruas que cercam a escola em direção ao rio que cruza e dá nome ao bairro, o rio Ururaí.

Neste momento é válido destacar a importância do planejamento para o processo de ensino-aprendizagem. Como o planejamento do ensino é o processo que envolve “a atuação concreta dos educadores no cotidiano do seu trabalho pedagógico, envolvendo todas as suas ações e situações, o tempo todo, envolvendo a permanente interação entre os educadores e entre os próprios educandos” (FUSARI, 1989, p. 10), foram discutidas durante a reunião a efetividade da proposta

de aula de campo e os possíveis problemas a serem enfrentados, visando às melhores formas de interação entre os ambientes observados pelos alunos e os conteúdos.

Então, após a escolha do trajeto e da reunião entre bolsistas e professor orientador, foi realizada, com os alunos do 6º ano, uma pequena aula, durante a qual houve um momento, ainda dentro da sala de aula, para a apresentação do tema com breves explicações sobre o que é o Meio Ambiente e com recomendações sobre o que eles deveriam observar e registrar ao longo da aula de campo. Posteriormente foram organizados em grupos de cinco, cada grupo com um bolsista orientador que levava os alunos para a parte externa.

Aos educandos foram entregues *tablets* com os quais eles puderam criar um registro fotográfico das localidades pelas quais eles passaram. Cada aparelho ficou sob a tutela de uma dupla, que deveria fazer um acervo de fotos com aquilo que mais havia chamado a atenção deles no percurso.

Dentre a diversidade de pautas que o tema Meio Ambiente possibilita abordar, foram selecionadas pautas para serem debatidas no percurso com as quais os alunos possuíam maior familiaridade, a saber:

- Inundação, suas causas e consequências;
- Assoreamento dos rios;
- Cotidiano da população ribeirinha, seus dilemas e suas vivências;
- Poluição urbana;
- Importância da mata ciliar.

Durante o percurso da aula de campo, o diálogo era aberto para as colocações dos discentes sobre o que viam, unido às explicações dos orientadores, para um debate enriquecedor que utilizava o conhecimento dos alunos sobre o bairro e seus problemas ambientais, como a produção e descarte de lixo em locais indevidos, enchentes, áreas para a queimada de objetos, além da própria relação dos alunos com o ambiente em que vivem.

Foi notável nas falas dos alunos a associação entre impactos ambientais, dinâmicas naturais e cotidiano social. Uma aluna apontou para o fato de ter parentes que precisaram ser remanejados das margens dos rios por terem sua casa invadida pela inundação; e outros afirmavam conhecer alguns dos habitantes da margem do rio.

Esse fator foi crucial na assimilação da necessidade de mostrar aos alunos a importância da manutenção da mata ciliar. Em virtude de os alunos conhecerem pessoas afetadas pelas inundações, ou mesmo haverem passado por essa experiência, o processo didático deixou o campo da suposição, como quando um professor em sala diz para alunos que a inundação existe e afeta algumas pessoas, e passou para o campo da observação e da vivência, em que o aluno ou já experimentou aquilo ou conhece alguém que tenha passado pela situação.

Figura 1. Alunos observam o rio Ururaí junto com bolsistas do PIBID em aula de campo



Fonte: Arquivo pessoal dos autores (2019)

Após a realização da aula de campo, os registros fotográficos dos alunos foram armazenados no intuito de serem escolhidos posteriormente pelos próprios alunos para a criação de um mural que demonstrasse através de fotos e mensagens criadas por eles mesmos a nova visão que passaram a ter sobre o Meio Ambiente após o aprendizado da aula de campo.

Figura 2. Alunos observam o rio Ururaí junto com bolsistas do PIBID em aula de campo



Fonte: Arquivo pessoal dos autores (2019)

5. Considerações finais

A experiência dos autores com a aula de campo demonstrou que o ato de ministrar uma boa aula sobre o Meio Ambiente pode trazer grandes desafios, os quais podem, no entanto, ser superados, resultando em um ato didático mais significativo para os alunos.

Desta feita, foi possível, por meio desse processo, mostrar aos discentes outra face de uma realidade já conhecida por eles. Trazer à reflexão as causas de fenômenos como o assoreamento responde a questões que a própria comunidade do bairro faz cotidianamente, como por exemplo: por que as inundações aumentam com os anos? Ou por que nem sempre apenas as construções de diques e obras de redes de drenagem trazem o resultado esperado para o bairro?

Todavia, é bom frisar que o acesso aos diversos recursos proporcionados pelo PIBID através do IFF auxiliou o bom resultado dessa experiência, que diante das limitações existentes dentro do ensino público trariam resultados diferentes.

Tomemos como exemplo o mural realizado após a aula; algumas escolas encontrariam dificuldades de conseguir um *tablet* para que cada dupla de aluno pudesse tirar as fotos. A quantidade de bolsistas permitiu também que os alunos tivessem uma atenção individual melhor e evitou dispersões dos alunos.

O problema em relação à quantidade de instrutores na aula de campo poderia ser facilmente resolvido com um trabalho interdisciplinar que abordasse o tema do Meio Ambiente e envolvesse professores de outras áreas, haja vista que o tema permite essa riqueza de debates.

No que diz respeito à avaliação, poder-se-ia pensar em uma que estivesse dentro de moldes mais tradicionais, que agradasse aos que preferem um punhado de respostas fechadas dentro do molde possibilista. Porém, como o foco da aula era fugir de tais modelos e buscar uma atividade mais significativa para os alunos, preferiu-se optar por estabelecer uma forma de eles expressarem o que haviam compreendido pelas fotografias e mensagens que ficaram expostas à observação de toda a escola, o que se mostrou significativo já que a atividade despertou interesse em alunos de outras turmas, gerando possibilidades de aulas de campo diversas com temas como urbanização e bioma. Ou seja, quando se evidencia o papel do aluno na construção do conhecimento colocando-o como agente ativo, é gerada uma reação em cadeia que promove cada vez mais a propagação da educação levando, assim, os alunos a perceberem que também são transmissores e transformadores sociais.

No caso da aula ministrada pelos bolsistas do PIBID, com base na aula de campo e pelo fato de terem assistido anteriormente a uma apresentação teórica que os fez expressar seus conhecimentos acerca do tema, pode-se afirmar que os alunos apresentaram grande interesse em aprender novos temas, o que também auxiliou na assimilação dos conteúdos posteriores propostos pelo currículo mínimo do estado do Rio de Janeiro.

Referências

- AJARA, C. A Abordagem Geográfica: Suas Possibilidades no Tratamento da Questão Ambiental. *In*: IBGE. **Geografia e Questão Ambiental**. Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de Geografia, 1993.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Geografia**. Brasília, 1998.
- FUSARI, J. C. **O papel do planejamento na formação do educador**. São Paulo: SE, CENP, 1988.
- FONSECA, G.; CALDEIRA, A. M. A. Uma reflexão sobre o ensino aprendizagem de ecologia em aulas práticas e a construção de sociedades sustentáveis. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, v. 1, n. 3, p. 70-92, set./dez. 2008.
- GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do Meio Ambiente**. 14 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- SANTOS, M. A questão do Meio Ambiente: desafios para a construção de uma perspectiva transdisciplinar. **Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente**, v. 1, n. 1, ago. 2006.